

ORGANIZAÇÃO

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO
DE MINISTROS
— SECRETARIA-GERAL
Rua Professor Gomes Teixeira n.º 2,
1350-249 Lisboa
t. +351 213 927 610
secretariado@sg.pcm.gov.pt
www.sg.pcm.gov.pt

FACULDADE DE BELAS-ARTES
UNIVERSIDADE DE LISBOA
Largo da Academia Nacional
de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa
t. +351 213 252 100
comunicacao@belasartes.ulisboa.pt
www.belasartes.ulisboa.pt

PARCEIRO

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
— ESPAÇO ARTES
Estrada de Benfica, 529,
1549-020 Lisboa
t. +351 217 101 200
gci@sp.ipl.pt
www.ipl.pt

DIREÇÃO E COORDENAÇÃO DO PROJETO
Catarina Romão Gonçalves
Cristina Azevedo Tavares
Sérgio Vicente

CURADORIA E MUSEOGRAFIA
Ana Laura Carmelita Machado
Luísa da Rocha
Pedro Braga dos Reis

ARTISTAS

Diogo Nunes
Luísa da Rocha
Mariana Tavares Carvalho
Miguel Castro
Pedro Braga dos Reis
Santos Rocha
Tiago Santos

CONTEÚDOS

Luísa da Rocha

DESIGN DE EQUIPAMENTO

Pedro Braga dos Reis

DESIGN DE LUZ

Ana Laura Carmelita Machado

DESIGN DE COMUNICAÇÃO

Tomás Gouveia

PRODUÇÃO

Cássefazem Cassepagam
HC2J

MONTAGEM

Equipa Técnica FBAUL

APOIO À MONTAGEM

Angelo Ramiro
Miguel Serra
Vanessa Glória
Equipa Técnica IPL

AGRADECIMENTOS

Cláudia Ninhos
Duarte Azinheira
Leonor Fonseca
Lurdes Santos
Paula Mendes
Pedro Cabrita
Susana Leal

Lisboa, 19/04/2023

Organização



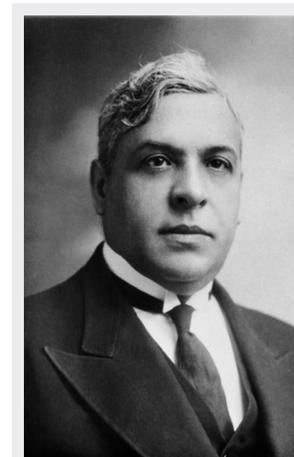
Parceiro



Apoio



EXPOSIÇÃO



ARISTIDES DE SOUSA MENDES



Aristides de Sousa Mendes

RAZÕES DE HUMANIDADE

“Nos dias em que se escreve este prefácio, acaba de eclodir uma guerra em território europeu. Nesta data, encontram-se em movimentação mais de um milhão de cidadãos, os quais procuraram abrigo e refúgio da guerra que já decorre no seu território de origem.

Se esta iniciativa já se revestia de uma importância fundamental, considerando a necessidade de garantir um futuro onde não haja lugar à repetição de atos semelhantes àqueles que ocorreram na II Guerra Mundial, nos dias de hoje ganha, infelizmente, ainda maior relevo.

O Programa Nunca Esquecer — Programa Nacional em torno da Memória do Holocausto nasceu em 2020 com a Resolução do Conselho de Ministros n.º 51/2020, de 25 de junho, tendo em vista homenagear Aristides de Sousa Mendes e outros portugueses que apoiaram vítimas do Holocausto, divulgar a sua ação e combater a discriminação como condição para a construção de Portugal, enquanto país que realiza efetivamente os Direitos Humanos e que assegura plenamente a participação de todos no espaço público.

Aristides de Sousa Mendes foi considerado um justo entre as nações por atos que o “libertaram da lei da morte”. Ora, comemorar — isto é, lembrar em conjunto — as vítimas do Holocausto é, acima de tudo, fazer renascer a necessidade de combater o antisemitismo, o racismo e quaisquer outras formas de intolerância que possam, designadamente, levar à violência. Cada vez mais é fundamental recordar os justos, por um lado, e os horrores de que o Homem é capaz. Cada vez mais é atual e importante recordar para não permitir a repetição de atos tão hediondos e que tendem, tragicamente, a repetir-se.

Esta exposição e esta obra contam-nos a vida de Aristides, lembrando que razões de humanidade não distinguem raças nem nacionalidades. Ao longo delas o visitante e o leitor terão a oportunidade de se confrontar com um legado de enorme atualidade, apresentado entre uma exposição documental e uma exposição artística.

O percurso que cada leitor ou visitante fará dependerá muito de si mesmo e da sua interpretação. Sentirá e reagirá à sua maneira, mas fará sempre presente a memória de Aristides. Poderá levá-la consigo e, aprendendo, eternizá-lo. Os seus feitos estão, pois, inexoravelmente em nós, interpelam-nos, inspiram-nos. A sua comemoração lembrar-nos-á o nosso papel na salvação de outros que procurem refugiar-se das maiores intempéries que o mundo de hoje lhes possa fazer viver.

Estas obras podem despertar um conjunto de emoções e de sentidos, percorrendo a desobediência que orientou Aristides, a sua corrida contra o tempo, a importância que um simples papel e um simples carimbo assumiram na História, assim como o processo disciplinar que lhe foi instaurado, enquanto manifestação burocrática de uma convivência ambígua de um regime autoritário, como era o do Estado Novo, com o horror que se vivia mais a Leste. Também o legado é, mais uma vez, espelhado nesta exposição, fazendo dela mais uma forma de reconhecimento póstumo, desta feita através de um dos maiores ofícios ao serviço do povo, a arte.

Cumpra, por tudo o que se aqui já se disse, agradecer à Comissão Executiva do Programa “Nunca Esquecer”, à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e a cada um dos artistas, bem como à Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, o empenho em concretizar esta iniciativa.”

André Moz Caldas

Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros

Sobre a curadoria da exposição

Aristides de Sousa Mendes: Razões de Humanidade

Uma parceria entre a Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros e a Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa que teve início em meados de 2018, renovou parceria com uma nova exposição a ser realizada em março de 2022 na Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, a exposição *Aristides de Sousa Mendes: Razões de Humanidade*.

Inicialmente, era uma exposição estritamente documental, com participação somente da curadoria e da museografia, mas com o passar do tempo foi adotada uma nova tipologia de exposição, onde conseguimos agregar novos integrantes à equipa, além dos estudantes dos mestrados em Crítica, Curadoria e Teorias da Arte, e em Museologia e Museografia, respetivamente, Ana Laura Carmelita Machado, Luisa da Rocha e Pedro Braga dos Reis. Também foram sugeridos estudantes licenciados e mestrados de escultura e de pintura, e após a apresentação de currículo e projetos desenvolvidos, foi decidido por Tiago Santos, Santos Rocha, Mariana Tavares Carvalho, Diogo Nunes e Miguel Castro. Equipa essa, orientada pelos vice-presidentes da Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, Professores Cristina Azevedo Tavares e Sérgio Vicente.

O processo curatorial foi desenvolvido com base nas informações históricas e documentais da vida de Aristides de Sousa Mendes, onde há ênfase em três etapas conhecidas como a desobediência, o processo e o legado, que foram divididas em três núcleos expositivos, tudo em diálogo com obras de arte elaboradas pelos alunos da FBAUL.

Relativamente ao equipamento expográfico, a sua concepção assentou num projeto inédito de design, criando um espaço expositivo no átrio e corredores da SGPCM que não possuem essas características. Trata-se de um espaço de elevada funcionalidade e passagem de pessoas, dando acesso a vários serviços, e que não está preparado de raiz para receber exposições desta dimensão, o que implicou um acrescido desafio na criação de unidades autoportantes e auto iluminadas, com a capacidade para itinerar para futuras exposições. Esta opção favoreceu o tratamento da exposição numa entidade autónoma e agregadora do espaço.

Para este efeito foram pensados painéis de madeira, pintados e com impressões da exposição em vinil coladas na superfície. E quanto à iluminação foram projetadas instalações individuais na estrutura de cada painel com recurso ao LED, proporcionando focos de luz direcionáveis nas obras de arte e luz difusa nos painéis.

Também a identidade visual da exposição foi cuidadosamente desenhada tendo em atenção o reforço de várias mensagens que a equipa de curadoria foi cimentando ao longo da sua narrativa numa relação de proximidade com o público.

Assim, a imagem assenta primeiramente numa paleta de três cores que remetem à cor dos documentos emitidos por Aristides Sousa Mendes, sendo que cada cor, azul, *grenat* e cinza, irá promover diferentes níveis de informação: o azul a informação nuclear; o cinza com a informação da narrativa e o *grenat* na linha cronológica que atravessa toda a exposição.

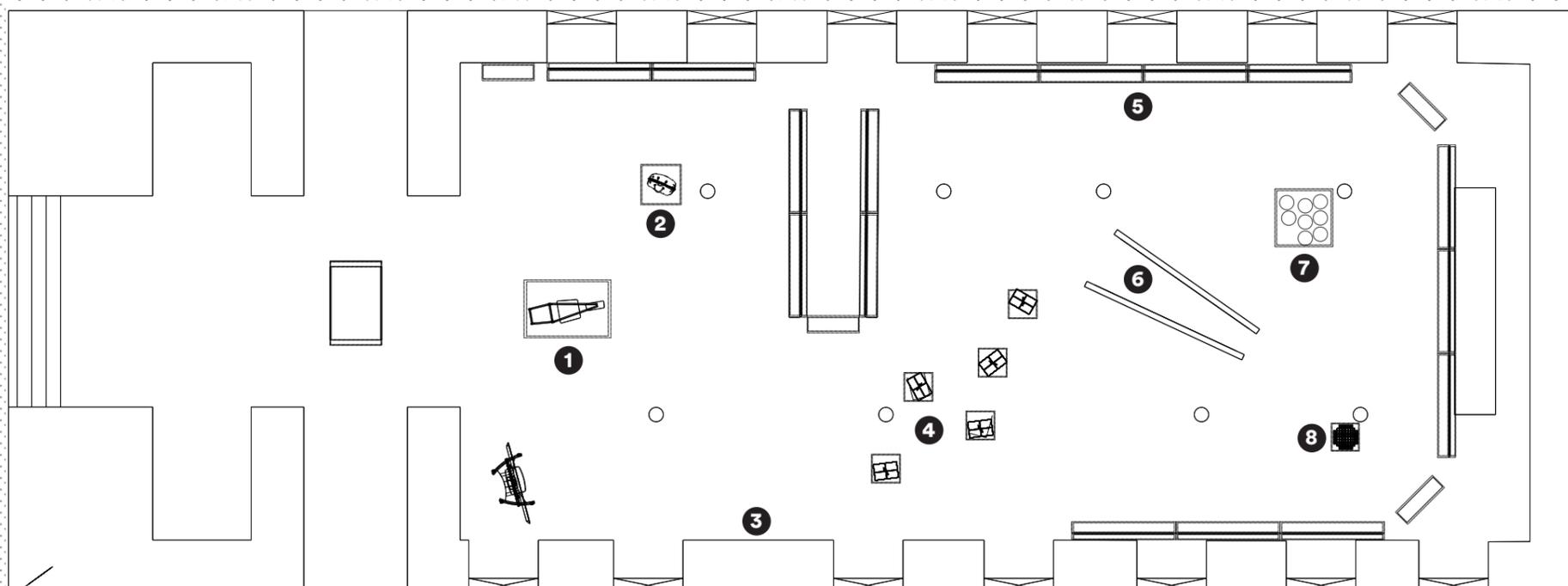
Ana Laura Carmelita Machado

Luisa da Rocha

Pedro Braga dos Reis

Curadoria e Museografia

ENTRADA



OBRAS

1 DIOGO NUNES

PARA A DIFUSÃO DA SUBVERSÃO
cadeira, apropriação e construção
150 x 44 x 40 cm
2022

Ao realizar *Para a Difusão da Subversão*, pensei na forma como Aristides subverteu o seu lugar de poder, através da desobediência às ordens desumanas que lhe tinham sido impostas. Vi como esta exposição procura expor o que aconteceu, para, através da sua experiência, vencer uma morte que vem pelo esquecimento. Memória esta, que carrega o valor da subversão na sua mais nobre manifestação. Com isto em mente, achei importante fazer uma escultura que não só enaltecesse os feitos de um herói, mas que fosse de alguma forma a materialização da minha convicção de que no fundo, Aristides, era um homem comum que soube aproveitar o momento certo para elevar a condição humana à sua mais alta expressão. Neste sentido, a minha escultura é o resultado da manipulação de uma cadeira comum, que ao transformar o seu tempo num apoio para as costas, procura convidar as pessoas a interagir com esta num momento de subversão, esperando assim, contribuir para a noção de que a subversão já está dentro de cada um de nós.

2 LUISA DA ROCHA

TEMPUS #40
mala de médico, cianotípias
em técnica mista
s/ papel antigo reutilizado
22 x 32,5 x 21,5 cm
2022

Tempus #40 reflete a corrida contra o tempo, experienciada na semana de 14-22 junho 1940, em Bordéus, quando Aristides de Sousa Mendes passava vistos a milhares de refugiados, gratuitamente e contra as ordens de Salazar. Impressionou-me a vida de uma família que recebeu visto em Bayonne a 21 junho 1940, e viajou com outros refugiados para Portugal numa traineira de Ílhavo, chegando até nós o diário de alguns deles, escritos durante a fuga. As cianotípias interpretam o salvamento de refugiados graças ao visto de Aristides de Sousa Mendes, numa técnica de impressão que reage à luz, metáfora da esperança, num azul que remete ao oceano e ao passaporte, que se desvanecem com o tempo, e colocadas na mala de médico antiga. Em 1940, enquanto

Aristides de Sousa Mendes salvava vidas em Bordéus passando vistos, o meu bisavô exercia medicina em Portugal, salvando vidas e tratando gratuitamente os pescadores de Ílhavo. Esta obra reflete sobre o bem que podemos fazer às pessoas que conosco se cruzam, e na possibilidade ficcionada de um dos pescadores que conduziu aquela traineira de refugiados, ter também sido salvo em Portugal por um médico generoso e altruísta. Como diria um provérbio "Quem salva uma vida salva a humanidade".

TIAGO SANTOS

3 *PARTIDA FORÇADA*
técnica mista s/ papel
130,5 x 198,5 cm
2021

5 *CASA LARGADA*

técnica mista s/ papel
130,5 x 200 cm
2021

Partindo de imagens da longa-metragem *L'Héritage d'Aristides* (2020), escrita e realizada por Patrick Séraudie, *Partida forçada* e *Casa largada* retratam respetivamente o interior do antigo Consulado de Portugal em Bordéus, que fora habitado por Aristides de Sousa Mendes aquando do seu exercício das funções de cônsul-geral naquela cidade, e o interior da Casa do Passal, sua casa de família, em Cabanas de Viriato. Estas obras ganham forma através da mistura de matérias secas, húmidas e oleosas sobre papel, que ora aplicadas em camadas transparentes, ora submetidas a processos de remoção e rasura, deixam a descoberto os vestígios anteriores e no limite motivam o desgaste das superfícies. A erosão destas matérias resulta numa mudez cromática e forja uma atmosfera que invoca o tempo, o abandono e a iminente ruína a que estes espaços foram sujeitos. Assim, estes processos, a par da dimensão das obras, procuram aludir ao ato de desobediência de Aristides, que transformou a natureza destes espaços, convertendo-os em lugares de inclusão, e incorporar não apenas a fragilidade, mas sobretudo a resistência do seu ato e do seu legado face à voracidade do tempo e do esquecimento.

4 MIGUEL CASTRO

DERME
folhas de papel e latex
dimensões variáveis
2021

A obra tem como suporte material o papel, mais precisamente 30.000 folhas. Este número remete à quantidade de vistos que Aristides de Sousa Mendes passou. Não só de vistos se trata, mas sim de famílias, vidas que estavam ameaçadas pelo regime nazi. A obra é composta por aglomerados de folhas espalhadas pelo espaço expositivo, a instalação atende como fio condutor, levando o observador a percorrer o espaço. Ao materializar este número, tenho como objetivo evidenciar e relembrar ao observador a atitude transgressora que Aristides de Sousa Mendes teve em relação às ordens impostas pelo estado português, nomeadamente ao regime ditatorial de António de Oliveira Salazar. O que inicialmente poderá ser visto como um simples papel, tem e teve, valores muito sérios causadores de repercussões devastadoras, tanto na vida de Aristides, como no futuro de cada pessoa que o possuía. Cada maço de folhas estará protegido por uma fina camada de pele sintética, essa mesma será realizada, com diferentes tonalidades. Uma derme que envolve e protege uma página em branco, defendendo e dando a oportunidade de um novo reinício. Uma ação humanitária desempenhada por um material sintético.

6 SANTOS ROCHA

DILAÇÃO
viroc, ferro, acrílico e luzes led
25 x 200 x 300 cm cada
2022

A presente instalação convida a uma reflexão relativa à sentença de Aristides de Sousa Mendes. A limitação gradual da largura de circulação, a aura produzida através da cor da iluminação, assim como a incandescência da mesma, torna complexa a experiência de interação com a obra, pretendendo culminar em sensações como desconforto, sufoco, clausura, melancolia, depressão e desapego, figurando a severidade da sentença aplicada. Através desta experiência sensorial, a artista apela a que o espectador vivencie, superficialmente, a realidade do fim de vida do cônsul. No interior da instalação, encontramos uma questão colocada numa das cartas que Aristides de Sousa Mendes escreve no período pós-sentença que espelha, com proibidade, a idiosincrasia que lhe é característica e que se estende à realidade contemporânea. Através da denúncia de acontecimentos passados, a obra *Dilação* procura expor a contemporaneidade presente na história de Aristides e alertar para fatores coetâneos, como a cultura do cancelamento ou a forma como a sociedade

atual tende para o egocentrismo, ignorando, reiteradamente, realidades nas quais a intervenção é urgente.

7 MARIANA TAVARES CARVALHO

APAGA A LINHA PRETA!
gesso, papel e almofada
de tinta branca
dimensões variáveis
2022

Peça composta por um carimbo branco e um bloco de folhas (correio aéreo). Este correio é caracterizado por uma faixa negra no canto superior esquerdo de cada folha. Um correio de luto, carregava em si as palavras que anunciaríamos a morte de um familiar na guerra. Apaga a linha preta, não reescreve a história, mas cria espaço para que seja permitido escrever uma nova mensagem.

8 PEDRO BRAGA DOS REIS

NO NETWORK
arte de pesca, telefones móveis,
unidade arduino
24,5 x 37 x 39 cm
2022

Trata-se de uma obra escultórica, formalmente traduzida por uma arte de pesca, uma armadilha para pescar polvos, cujo interior é visível através da rede. No seu interior estão diversos telemóveis apresentando a mensagem "NO NETWORK" (SEM REDE), nos ecrãs retroiluminados. A obra pretende uma reflexão acerca dos atuais movimentos em volta do tráfico de migrantes através do mar mediterrânico. Conforme atesta a recente reportagem de Moha Ennaji no Unesco Courier de Outubro de 2021, *Mobile Phones: an indispensable tool for migrants*, os terminais móveis tornaram-se não só uma ferramenta, mas também uma característica distintiva de muitos dos migrantes além e aquém mediterrâneo. Em boa verdade, pretende-se aqui refletir no telemóvel enquanto mecanismo agregador e sustentador de várias redes, e no momento em que o migrante viaja sem rede. Durante a travessia do mediterrâneo os migrantes vivem o paradigma de viajar sem rede (a que os liga à rede familiar), presos numa rede (a do tráfico humano) tentando fugir a outra (a rede judiciária)! Um momento dramático, cuja única certeza se fixa no fundo mar; um salto de fé, de desespero, no vazio da imensidão, no silêncio da rede.